

Epidendrum puniceoluteum, uma nova espécie de Orchidaceae do litoral brasileiro

Fábio Pinheiro¹ e Fábio de Barros^{2,3}

Recebido: 17.01.2006; aceito: 13.04.2006

ABSTRACT - (*Epidendrum puniceoluteum*, a new species of Orchidaceae from the Brazilian coastal vegetation). The authors describe *Epidendrum puniceoluteum*, a relatively common species from the South and Southeastern Brazilian coastal vegetation, which had been for a long time treated with various names. The new species belongs to section *Schistochila*, subsection *Carinata* of the genus *Epidendrum*.

Key words: Coastal vegetation, section *Schistochila*, subsection *Carinata*

RESUMO - (*Epidendrum puniceoluteum*, uma nova espécie de Orchidaceae do litoral brasileiro). Os autores descrevem *Epidendrum puniceoluteum*, uma espécie relativamente comum no litoral sul e sudeste do Brasil, que tem sido tratada sob diferentes nomes. A nova espécie pertence à seção *Schistochila*, subseção *Carinata* do gênero *Epidendrum*.

Palavras-chave: Restinga, seção *Schistochila*, subseção *Carinata*

Introdução

Epidendrum L. é um dos maiores gêneros da família Orchidaceae, com cerca de 1.125 espécies (Chase *et al.* 2003). Ele é bastante variável morfológicamente e mal resolvido taxonomicamente, já que sua delimitação genérica e a posição sistemática de muitas de suas espécies têm sido alvo de controvérsias (Dressler 1967, 1984, Brieger 1976-1977, Hágsater 1993, Withner & Harding 2004).

Um dos grupos de espécies mais variáveis morfológicamente foi delimitado primeiramente por Lindley (1853), constituindo o subgênero *Amphiglottium* Lindl., composto por diversas seções, entre as quais a seção *Schistochila* Lindl., a qual, por sua vez, foi subdividida em duas subseções - *Carinata* Lindl. e *Tuberculata* Lindl. - com base na morfologia dos calos do labelo. Trabalhos posteriores como os de Cogniaux (1898-1902), Pabst & Dungs (1975) e Brieger (1976-1977) seguiram, em grande parte, a classificação de Lindley (1853).

Três espécies da subseção *Carinata* com distribuição exclusiva no Brasil (*Epidendrum*

denticulatum Barb. Rodr., *E. fulgens* Brongn. e *E. cinnabarinum* Salzm.), apresentam grande variação morfológica (Pinheiro 2005), distribuindo-se ao longo do litoral brasileiro: *E. cinnabarinum* pode ser encontrado desde o Rio Grande do Norte até o Sul da Bahia, *E. denticulatum*, desde o Sul da Bahia até o litoral Norte de São Paulo, e *E. fulgens*, desde o litoral Sul do Rio de Janeiro até o Sul do Rio Grande do Sul. Além da ocorrência em restinga, estas espécies também podem ser encontradas em alguns pontos no interior do continente.

Uma quarta espécie também ocorre em vários pontos ao longo do litoral brasileiro, principalmente em ilhas marítimas das regiões Sul e Sudeste, e vem sendo erroneamente identificada por outros nomes, como *Epidendrum purpureum* Barb. Rodr. ou *E. fulgens* Brongn. Como plantas dessa quarta espécie ocorrem em áreas de restinga, que também abrigam populações de *Epidendrum fulgens*, a separação entre elas não é muito óbvia num primeiro momento. Porém, Pinheiro & Barros (dados não publicados), utilizando análise morfométrica e marcadores moleculares do tipo AFLP (Amplified Fragment Length Polymorphisms)

1. Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências, Departamento de Botânica, Cidade Universitária, Rua do Matão 277, 05508-900 São Paulo, SP, Brasil

2. Instituto de Botânica, Caixa Postal 4005, 01061-970 São Paulo, SP, Brasil

3. Autor para correspondência: fdebarros@terra.com.br

detectaram clara descontinuidade morfológica e genética entre os indivíduos analisados, bem como entre eles e os táxons mais próximos: *Epidendrum denticulatum* e *E. cinnabarinum*. Neste trabalho, a quarta espécie, até agora negligenciada, é descrita e ilustrada.

Resultados e Discussão

Epidendrum puniceoluteum F. Pinheiro & F. Barros, sp. nov. TIPO: BRASIL. PARANÁ: Paranaguá, Balneário Shangri-lá, I-1996, O.S. Ribas et al. 1051 (holótipo SPF; isótipo MBM).

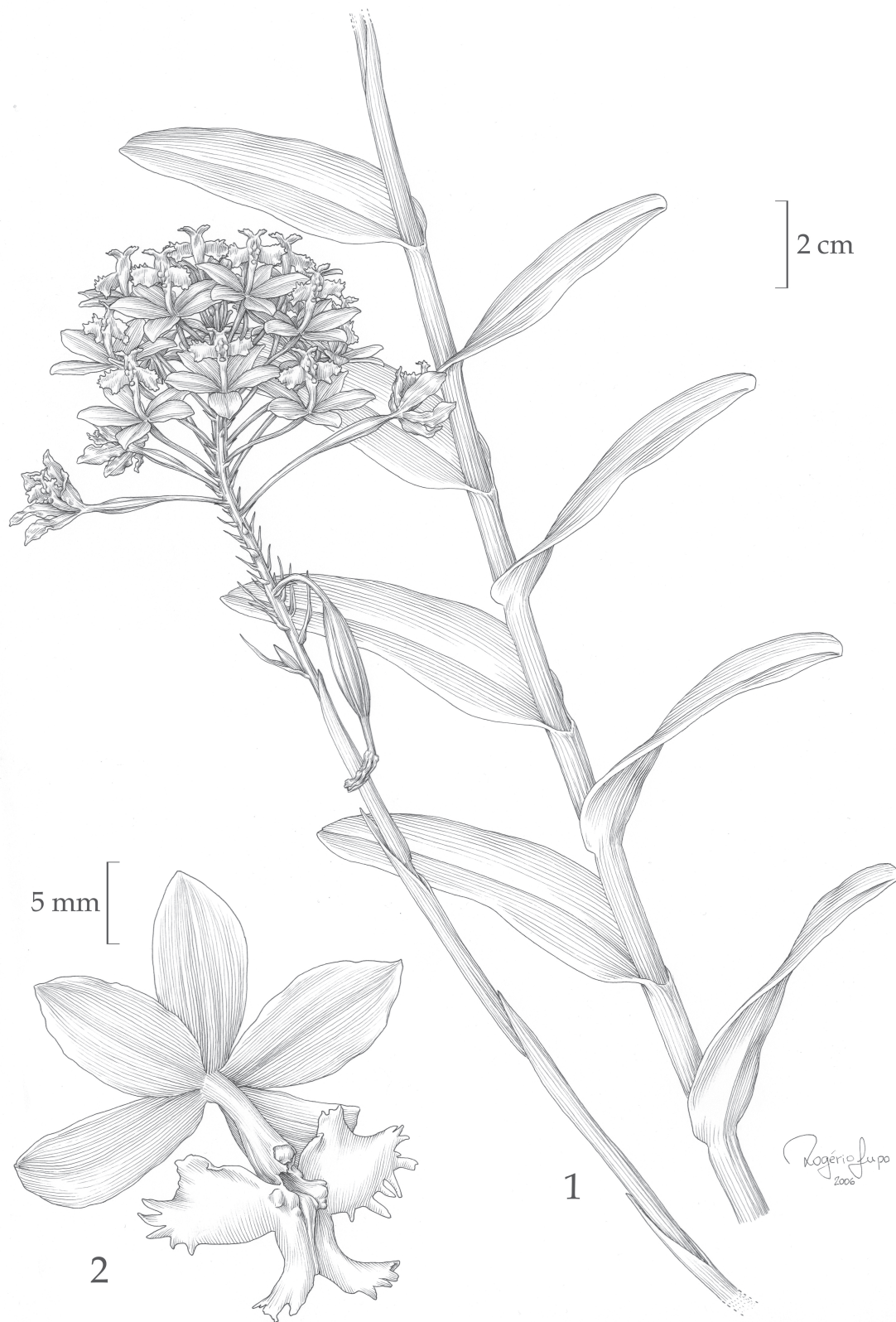
Affine *Epidendrum denticulatum sed floribus puniceus callis flavis, labello, petalis et sepalis dorsali longioribus, petalis et sepalis lateralibus latioribus differt. Simile* *Epidendrum fulgens sed petalis marginibus integris, labello puniceo callis flavis, pedicello et lobis labelli longioribus, callis labelli et lobo medio labelli latioribus, gymnostemio parvo differt.*

Figuras 1-2

Terrestre. Caule simples, 13-151 cm compr., recoberto por bainhas amplexicaules, com folhas evidentes. Folhas dísticas, largamente lanceoladas a oblongo-lanceoladas, 60-105 × 11-29 mm, ápice agudo. Inflorescência apical, simples, 21-52 cm compr., em corimbo com 4-17 flores, às vezes ramificada, produzindo outras inflorescências ou caules laterais; escapo muito mais longo que a raque, envolvido por bainhas de 4-8 cm compr.; brácteas 4-7 mm compr.; pedicelo mais ovário 18-32 mm compr. Flores com sépalas e pétalas vermelhas, labelo vermelho, com calo do labelo amarelo-alaranjado; sépalas oblongo-lanceoladas, a dorsal 11,3-17,4 × 4,5-7 mm, ápice curtamente acuminado, as laterais 12,3-18 × 4,8-7,5 mm, ligeiramente falcadas; pétalas 12-17,8 × 4-7,7 mm, lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, ápice curtamente acuminado; labelo trilobado, base em forma de unguículo, adnato à face ventral do ginostêmio, lâmina do labelo livre, 4,7-8,3 × 12,6-20,2 mm, margens fimbriadas, lobos laterais 5,7-9,3 × 4,4-10,1 mm, orbiculares, lobo central 3,6-7 × 5,1-10,1 mm, âmbito sub-obcordiforme a sub-orbicular, disco do labelo com 2 calos basais e um calo disposto longitudinalmente entre os basais, no total de 3,1-6,2 × 1,9-4,1 mm; coluna 7,7-12,5 mm compr.; antera terminal, polínias 4, ceróides, lateralmente achatadas, providas de caudícula; rostelo fendido, paralelo ao eixo do ginostêmio.

Parátipos: BRASIL. PARANÁ: Guaratuba, Brejatuba, X-1951, A. Frenzel s.n. (MBM4797), idem, X-1966, J.C. Lindeman & J.H. de Haas 2597 (MBM); Matinhos, I.-1950, G. Hatschbach 1858 (MBM), idem, Praia das Gaivotas, VIII-1972, G. Hatschbach 30262 (MBM); Paranaguá, XII-1910, F.C. Hoehne 4124 (R), Balneário Shangri-Lá, I-1996, O.S. Ribas et al. 1051 (MBM), Caiobá, X-1929, F.C. Hoehne s.n. (SP24337), idem, X-1947, G. Tessmann s.n. (MBM213948), idem, Praia do Mendanha, XI-1962, E.A. Moreira 331 (MBM), Ilha do Mel, Morro do Farol, II-1985, W.S. Souza s.n. (MBM108290), idem, Praia Grande, IX-1985, R.M. Brites 94 (MBM), idem, Praia da Fortaleza, V-1996, R.B. Singer & A.A. Cocucci s.n. (MBM226991), idem, II-1998, R.B. Singer 32 (MBM). RIO GRANDE DO SUL: Maquiné, Osório, VI-1950, G. Pabst 641 (HB). SANTA CATARINA: Barra Velha, I-1988, A. Krapovickas & C.L. Cristóbal 42116 (MBM); Itajaí, entre Praia de Cabeçadas e Praia Brava, I-1950, B. Lutz s.n. (R204284). SÃO PAULO: Cananéia, X-1961, H.D. Bicalho s.n. (SP174972), I-1979, V.F. Ferreira 516 (RB), Ararapira, Praia do Meio, IV-1918, F.C. Hoehne s.n. (SP1888), Ilha do Cardoso, restinga de Itacuruçá 10-IV-2005, R.P. Romanini & F. Pinheiro 199 (SP), idem, 10-IV-2005, R.P. Romanini & F. Pinheiro 200 (SP), idem, 10-IV-2005, R.P. Romanini & F. Pinheiro 201 (SP), idem, 10-IV-2005, R.P. Romanini & F. Pinheiro 202 (SP); Iguape, II-1965, G. Eiten & W.D. Clayton 6199 (SP), Morro das Pedras, s.d., A.C. Brade s.n. (HB8642); Ilha Comprida, IX-1994, M.E. Basso et al. 24 (SP), IX-1994, M.E. Basso et al. 24 (SP); Ipanema, I-1894, s. col. (R35845); Pariquera-Açú, estrada para Cananéia, II-1995, H.F. Leitão-Filho et al. 32845 (UEC); Praia Grande, restinga, XII-1979, E. Catharino s.n. (HB70317).

Epidendrum puniceoluteum ocorre em vegetação de restinga, tanto entre gramíneas em formações abertas, como em mata de pequeno porte, crescendo apoiado sobre arbustos e arvoretas, condição na qual já foram observados indivíduos que alcançavam até cerca de 4 metros de altura. A espécie possui registros desde o município de Osório, no Rio Grande do Sul, até Praia Grande, em São Paulo. Atualmente podem ser encontradas populações numerosas na Ilha Comprida, Ilha do Cardoso (Cananéia, SP), Ilha de Superagui e Ilha do Mel (ambas em Paranaguá, PR).



Figuras 1-2. *Epidendrum puniceoluteum* F. Pinheiro & F. Barros. 1. Aspecto geral de uma planta florida. 2. Flor. (O.S. Ribas et al. 1051, SPF).

Morfológicamente, as espécies mais próximas de *Epidendrum puniceoluteum* são *E. fulgens* e *E. denticulatum* (Pinheiro & Barros, dados não publicados). As principais diferenças entre *Epidendrum puniceoluteum* e *E. denticulatum* estão na coloração purpúreo-avermelhada das sépalas e pétalas (que são róseo-lilases a brancas em *E. denticulatum*) e nas dimensões de pétalas, sépalas e labelo, que são menores em *E. denticulatum*. Já de *Epidendrum fulgens*, *E. puniceoluteum* difere por apresentar o labelo com coloração purpúreo-avermelhada com calos amarelos (são vermelhas a amareladas com calo amarelo geralmente pontuado de vermelho em *E. fulgens*) e pelas dimensões maiores dos lobos do labelo.

No trabalho de Pabst & Dungs (1975), bem como em muitos registros de herbário e em anotações pessoais de G.F.J. Pabst, arquivadas no herbário HB, esta nova espécie é tratada como *Epidendrum purpureum* Barb. Rodr. No entanto, *Epidendrum purpureum*, que ocorre em restingas do Rio de Janeiro, possui morfologia bastante distinta, mostrando maior afinidade genética com *E. myrmecophorum* Barb. Rodr. do que com *E. puniceoluteum* (Pinheiro 2005).

Nas populações em que *Epidendrum puniceoluteum* e *E. fulgens* ocorrem em simpatria, já foram observados indivíduos com características intermediárias, os quais, muito provavelmente, são híbridos naturais entre as duas espécies, fato que, em parte, explica parcialmente a confusão nomenclatural entre esses dois táxons.

O nome dado à espécie faz referência à cor das flores que são purpúreo-avermelhadas com a região dos calos amarela.

Agradecimentos

A Rogério Lupo pela execução da figura. Este trabalho contou com auxílio da FAPESP (processo

03/03062-5). Durante o desenvolvimento deste trabalho o primeiro autor foi bolsista de mestrado da FAPESP (processo 03/03061-3). O segundo autor é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (processo 303962/2004-6).

Literatura citada

- Brieger, F.G.** 1976-1977. Gattungsreihe Epidendra. In: F.G. Brieger, R. Maatsch & K. Senghas (eds.), Schlechter Die Orchideen. Paul Parey, Berlin, v. 3(1), pp. 509-549.
- Chase, M.W., Cameron, K.M., Barrett, R.L. & Freudenstein, J.V.** 2003. DNA data and Orchidaceae systematics: a new phylogenetic classification. In: K.W. Dixon, S.P. Kell, R.L. Barrett & P.J. Cribb (eds.). Orchid conservation. Natural History Publications, Sabah, pp. 69-89.
- Cogniaux, A.** 1898-1902. Orchidaceae. In: C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban (eds.). Flora Brasiliensis. R. Oldenbourg, Monachii, v. 3 (5), pp. 1-663, t. 1-119.
- Dressler, R.L.** 1967. The genera *Amblostoma*, *Lanium* and *Stenoglossum*. Brittonia 19: 237-243.
- Dressler, R.L.** 1984. La delimitación de géneros en el complejo *Epidendrum*. Orquidea (Mexico) 9: 277-298.
- Hágsater, E.** 1993. *Epidendrum anceps* or *Epidendrum secundum*? Orquidea (Mexico) 13: 153-158.
- Lindley, J.** 1853. *Epidendrum*. In: J. Lindley (ed.). Folia Orchidacea. J. Matthews, London, pp. 1-97.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F.** 1975. Orchidaceae Brasilienses, Kurt Schmiersow, Hildesheim, v. 1.
- Pinheiro, F.** 2005. Avaliação das relações intra e interespecíficas no complexo *Epidendrum secundum* e espécies afins (Orchidaceae) através de AFLP. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Withner, C.L. & Harding, P.A.** 2004. The Cattleyas and their relatives: The debatable Epidendrums. Timber Press, Portland.